



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 16, n. 2, art. 17, p. 318-339, mar./abr. 2019

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2019.16.2.17>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Novas Vozes no Cuidado: Uma Revisão Sistemática Sobre a Produção Científica no Campo de Discussão Entre Masculinidade e Cuidado

New Voices in Care: A Systematic Review on Scientific Production in the Discussion Field Between Masculinity and Care

Nayra Danyelle Batista da Silva

Mestrado em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal do Piauí
Assistente Social da Prefeitura Municipal de Teresina
E-mail: danii_campelo@hotmail.com

João Paulo Sales Macedo

Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Professor da Universidade Federal do Piauí
E-mail: pmacedo@ufpi.edu.br

Endereço: Nayra Danyelle Batista da Silva
Universidade Federal do Piauí. Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. Campus Universitário Ministro Petrônio Portella. CEP: 64.049-550, Teresina, Piauí, Brasil.

Endereço: João Paulo Sales Macedo
Universidade Federal do Piauí. Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. Campus Universitário Ministro Petrônio Portella. CEP: 64.049-550, Teresina, Piauí, Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 08/11/2018. Última versão recebida em 28/11/2018. Aprovado em 29/11/2018.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

O presente artigo trata-se de uma revisão sistemática da literatura sobre as produções científicas no que diz respeito à discussão de gênero e cuidado no contexto brasileiro. De forma específica o artigo recupera as produções que versam sobre homens e o cuidado, nas bases da BVS-Psi, SciELO, PePSIC, LILACS, BDTD, Portal CAPES, com os seguintes descritores de busca: “masculinidade” AND “cuidado”. Foram identificados 11 artigos científicos. A análise baseou-se nos seguintes eixos: a) construção da masculinidade; b) masculinidade e cuidado: masculinidade e cuidado doméstico; e masculinidade e paternidade. O campo de estudos da masculinidade ainda é recente, mas tem apresentado questões pertinentes que possibilitam a inserção dos resultados nas discussões de igualdade de gênero. Desse modo, acredita-se que seja relevante, principalmente no espaço feminizado de abordagem do cuidado, a incorporação das vozes masculinas.

Palavras-chave: Gênero. Masculinidade. Cuidado.

ABSTRACT

The present article deals with a systematic review of the literature on scientific production with regard to the discussion of gender and care in the Brazilian context. Specifically, the article recovers the productions that deal with men and care, in the bases of the BVS-Psi, SciELO, PePSIC, LILACS, BDTD, Portal CAPES, with the following search descriptors: "masculinity" AND "care". Eleven scientific articles were identified. The analysis was based on the following axes: a) construction of masculinity; b) masculinity and care: masculinity and domestic care; and masculinity and fatherhood. The field of studies of masculinity is still recent, but it has presented pertinent questions that allow the results insertion in the discussions of gender equality. In this way, it is believed that the incorporation of male voices is relevant, especially in the feminized space of care approach.

Keywords: Gender. Masculinity. Care.

1 INTRODUÇÃO

Gênero tornou-se uma categoria sociológica importante nas últimas décadas. Por meio dele passou-se a distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos socialmente a homens e mulheres. Foi incorporado no campo de estudos sociológicos a partir da forte influência do movimento feminista, considerado arma útil na contestação do modelo patriarcal de divisão sexual do trabalho (SCOTT, 1990). Por outro lado, a introdução da temática da masculinidade é algo recente. Incorporado a partir de 1990, resguarda um campo fértil e pouco explorado. Como afirma (KIMMEL; HEARN; CONNELL, 2005), a primeira síntese global, com pesquisas sobre homens e masculinidades em todo mundo, data de 2005.

Masculinidade, segundo Connell (2015) são padrões socialmente construídos de práticas de gênero. Nesse sentido, como construção social, esse conceito não pode ser pensado de forma singular. Logo, as diferentes masculinidades apresentadas nas pesquisas sobre gênero dão espaço para pensarmos o processo de formação das mesmas e seus desdobramentos na reprodução ou mutação de práticas sociais marcadas pelo próprio gênero (AQUINO, 2006).

Para Bento (2015. p.82), “os estudos sobre masculinidades múltiplas estão possibilitando a escuta de outras vozes que se encontravam ocultadas por uma voz hegemônica”. Por tal perspectiva podemos explorar como as categorias gênero e masculinidade têm se inserido nos estudos de Saúde Mental, considerando o recorte para as pesquisas que abordam a discussão de cuidado. A literatura já indica que neste campo, o cuidado encontra forte associação como prática feminina de ação. A revisão integrativa de Eloia et al (2014), acerca trabalhos que versam sobre cuidado em saúde mental, explicita de forma categórica a hegemonia da mulher como cuidadora (CARDOSO ; GALERA; VIEIRA, 2012; QUADROS *et al.*, 2012; MARCON *et al.*, 2012; TEIXEIRA, 2005; SILVA; PASSOS ; BARRETO, 2012; ESTEVAM *et al.*, 2011; CARDOSO ; GALERA, 2011; BANDEIRA; CALZAVARA; CASTRO, 2008.).

A institucionalização da área de estudos de gênero no Brasil, a partir de financiamento de pesquisas lançados pelas agências brasileiras de fomento desde 2000, tem sido imprescindível para a elaboração de diagnósticos fundamentados (BIROLI, 2018). O cuidado, enquanto conceito atravessado pelas questões de gênero, mostra-se como uma temática pouco abordada nesse campo, “embora pesquisadores das áreas de Sociologia e Antropologia venham se dedicando sistematicamente a compreender as articulações entre gênero, cuidado e família, e entre gênero, cuidado e trabalho” (BIROLI, 2018, p.54).

Nesse sentido, objetivamos, neste artigo, analisar as produções científicas brasileiras acerca da discussão masculinidades e cuidado. Para tanto, realizou-se uma revisão sistemática sobre as produções científicas, no que diz respeito ao cuidado provido por homens no contexto de pessoas adultas dependentes construindo, assim, um campo de análise que envolve a discussão do cuidado por meio do campo teórico conceitual de masculinidades.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O gênero, como corporificação social (CONNELL, 2016), é, sem dúvidas, uma prática que constrói e desconstrói padrões. Para Butler (2003), gênero é performance, espécie de máscara justaposta a outras, sobrepondo-se discursivamente *ad infinitum*. Nas palavras da própria autora: “espécie de imitação persistente que passa como real” (BUTLER, 2003, p. 8). Por este aspecto, as práticas masculinas e femininas são discursivamente constituídas. Nos anos 80, emerge um conjunto de estudo sobre a construção social da masculinidade. Entre os dois grandes blocos de abordagens teórico-metodológicas dos estudos sobre masculinidade, Arilha (1998) elenca dois grupos: os aliados ao feminismo e os estudos autônomos. Nessa perspectiva, filiamos nosso pensamento àqueles que consideram a importância do conceito de gênero desenvolvido pelo movimento feminista, como base para os estudos de masculinidade.

Os estudos centrados nas questões de construção das masculinidades justificam a continuidade do interesse dessas abordagens na área. Trata-se de um campo de discussão complexo, cheio de desafios, incluindo, especialmente, o processo de “desconstrução do masculino enquanto gênero, desvendando (assim) as relações hierárquicas entre os homens” (SCHPUN, 2004, p.11). São estudos que têm como foco as relações de poder, em especial, a de ideia que existe uma definição dominante de masculinidade, mas que não se apresenta como única versão (ARRILHA, 1998).

Quando percebemos a crescente produção de discussões sobre masculinidades, seus dilemas e inquietações, entendemos o quão urgente é necessário discutir os repertórios que circulam na sociedade. Tal entendimento, assim como a concepção de gênero, não é previsível. Desta forma, repertório, aqui, é pensando a partir da contribuição de Potter *et al* (1990), como dispositivos linguísticos usados culturalmente para criar diferentes argumentações, podendo, então, constituir-se como o que De Lauretis (1984) define como dispositivos de gênero.

A discussão de masculinidade e cuidado, enquanto abordagem aliada ao feminismo (ARRILHA *et al.*, 1998, p.19), reconhece a importância do movimento no debate e ampliação

conceitual da categoria gênero. Dar credibilidade para os dilemas envolvidos na construção das masculinidades e trazer essas inquietações para contestar “papéis” estabelecidos por uma divisão sociossexual do trabalho é, sem dúvida, uma escolha difícil, se levarmos em conta a reduzida produção teórica acerca da temática.

Na delimitação dos papéis socialmente aceitos para homens e mulheres “há vozes que ainda gritam que o lugar social adequado às mulheres é o mundo privado da família” (PATEMAN, 1993, p.57). O contrato sexual no qual se estabelecem as formas de agir ainda está enraizado num modelo patriarcal - não tão tradicional - mas que estabelecem dominantes e dominados, no qual a mulher é objeto e não parte do contrato. O cuidado, base para nossa discussão sobre masculinidade e gênero, parece também não incluir a mulher como uma das partes do contrato, mas como objeto. O propósito, enquanto tal, é a manutenção da determinação do gênero feminino como sinônimo de cuidado.

Camões (1572), ao mencionar em seu poema a mutabilidade das coisas e das pessoas, afirma que “tudo é composto de mudança, tomando sempre novas qualidades”. Para Connell (2015), as masculinidades e feminilidades são construções históricas e sociais, sendo possível, em um mesmo contexto, a existência de múltiplas performances dessas categorias. De modo que a inércia de um modelo padrão, já não faz sentido diante das variáveis correspondente a cada período e contexto sócio histórico.

Estudar masculinidade e cuidado reafirma que não somos movidos por padrões estanques de gênero. Tendo em vista que tal discussão exige uma visita teórica que vai de encontro a uma naturalização patriarcalista da mulher como cuidadora, faz-nos questionar até que ponto podemos acreditar na composição de mudanças incorporadas pelos novos modelos de masculinidades. O homem, ator dessa análise, passa a ser entendido como uma categoria que necessita de uma ressignificação. Neste caso, a “definição normativa de masculinidade é vista como dominante, mas não como única versão” (GARCIA, 1998, p.40,). Tal aspecto é o pano de fundo para uma discussão que visa contribuir para a construção de uma agenda de cuidados transformadora (FRASER, 2003), na qual os homens passam a ser reconhecidos e redistribuídos nessas funções.

O Guia Prático do Cuidador em Saúde (Brasil, 2008, p.8) define o cuidador como:

Ser humano de qualidades especiais, expressas pelo forte traço de amor à humanidade, de solidariedade e de doação. (...) É a pessoa da família ou da comunidade que presta cuidados a outra pessoa de qualquer idade, que esteja necessitando de cuidados por estar acamado, com limitações físicas ou mentais, com ou sem remuneração.

Hirata (2010) apresenta diferentes concepções para designar a atividade de cuidar: cuidador principal – tem a responsabilidade permanente da pessoa sob o seu comando (normalmente este papel tem a mulher como principal protagonista); cuidador secundário – divide, de alguma forma, a responsabilidade do cuidado com o cuidador principal, auxiliando-o, substituindo-o (modelo de parceria); cuidador familiar – tem algum parentesco com a pessoa cuidada; cuidador leigo – não recebeu qualificação específica para o exercício da atividade; cuidador terceiro – não possui qualquer parentesco com a pessoa cuidada; cuidador remunerado – por delegação auferir rendimento pelo exercício da atividade de cuidar a outrem, que tanto pode ser um membro da família quanto externo; e cuidador voluntário – não é remunerado. O autor alerta que essas categorias não são excludentes, pelo contrário, há uma justaposição sobre elas a depender do arranjo/dinâmica familiar, bem como das condições materiais e recursos financeiros do núcleo familiar.

O debate proposto por Hirata (2010) ajuda a entender o cuidado como trabalho, seja ele remunerado ou não, bem como retirá-lo do campo de invisibilidade, dada sua importância para a organização societária e contribuir para a discussão política dessa categoria.

Historicamente, o cuidado como atividade humana é figurativamente associado ao acalanto materno, porém não podemos esquecer de todas as relações de desigualdades existentes nesse processo. Para Ayres (2001, p.42), cuidado é “uma interação entre dois ou mais sujeitos visando o alívio de um sofrimento ou o alcance de um bem-estar, sempre mediada por saberes especificamente voltados para essa finalidade”. Nesse sentido, o cuidar do outro guarda consigo um privilégio decisório importante. Afinal, é um processo. E, comotal, “permite se debruçar sobre a organização e a distribuição das responsabilidades entre suas diferentes fases.” (MOLINIER; PAPERMAN, 2015, p.46). Daí a importância de considerar as nuances que envolvem a relação entre masculinidades e cuidado, e o lugar desse debate na produção científica brasileira visto ser uma temática pouco abordada na literatura.

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão sistemática da literatura, de natureza exploratória, realizada na base de dados: Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia (BVS-Psi), que agrupa a Scientific Electronic Library Online (SciELO), o Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), e o portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em junho de 2018. Inicialmente, o critério para a escolha do material considerou

toda produção científica que incluísse os descritores “masculinidade” AND “cuidado”. Foi localizado um total de 24 publicações, todas em forma de artigos científicos.

Procedeu-se na leitura dos resumos dos 24 trabalhos, dos quais foram excluídos 13 estudos que tratavam sobre saúde e autocuidado. A partir dessa filtragem, o material identificado foi reduzido para 11 trabalhos, ou seja, 45,83% do total do primeiro levantamento realizado. Foi com base nesse material que realizamos a leitura na íntegra dos 11 artigos para o desenvolvimento deste trabalho.

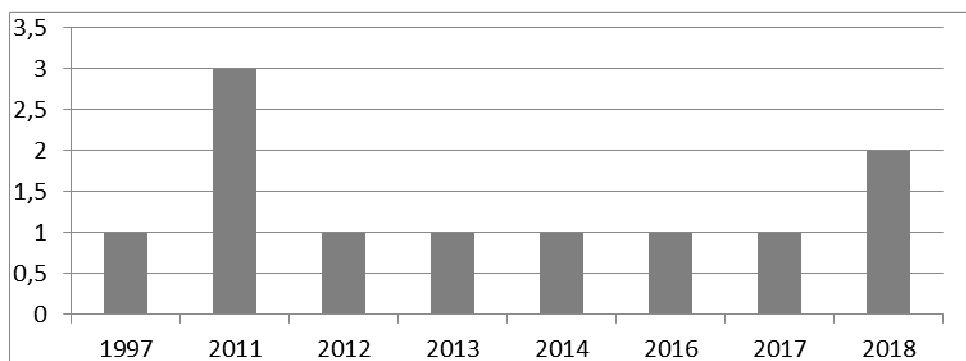
Tais critérios de exclusão e inclusão foram estabelecidos em concordância entre os juízes, para compor a seleção dos artigos do *corpus* de pesquisa. Os estudos selecionados foram lidos na íntegra e foram analisados a partir do ano e da revista de publicação, local de realização do estudo, objetivos, aporte teórico, delineamento metodológico, instrumentos de pesquisa e resultados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Perfil das publicações sobre masculinidades no Brasil

Considerando que não foi delimitado um recorte temporal para busca do material, o registro das publicações em periódico data desde o ano de 1997. Passados quatorze anos após a primeira publicação, observa-se um incremento significativo de artigos científicos, com destaque para os anos de 2011 e 2018, como podemos observar na Figura 1.

Figura 1 – Publicações em periódicos na área de Psicologia sobre masculinidade e cuidado



Os periódicos da área da Psicologia que mais têm publicado sobre a temática, foram: Revista Saúde & Sociedade (n= 2) e a Revista Ciência e Saúde Coletiva (n=2). As demais

publicações foram nas revistas: Sexualidade, Salud y Sociedad (n=1), Psicologia USP (n=1), Revista História (n=1), Revista Latino Americana de enfermagem (n=1), Revista Estudos Feministas (n=1) e Revista Escola Anna Nery (n=1).

Com relação ao delineamento dos estudos, apenas um deles é de caráter misto (n=1); sobressaem, nesse aspecto, estudos qualitativos (n=10). Como instrumentos de coleta, observou-se o uso de entrevistas semi-estruturada, observações de campo, grupos focais, análise documental, abordagens etnográficas, metassíntese bibliográfica, estudos de narrativas, análise de conteúdo e estudos multicêntricos.

Os estudos desenvolvidos abrangem diversas regiões do Brasil. Destaca-se a Região Sudeste (RJ=1; SP=1; MG=1), em seguida o Nordeste (BA =1, SE=1) e Sul (SC=1). Dois estudos foram de caráter nacional (n=2) e um estudo multicêntrico, que aborda a realidade de 4 estados (n=1). Na tabela 1 é possível acompanhar, localizados por ano de publicação, título do periódico e descrição dos objetivos e delineamento metodológico.

Tabela 1 – Caracterização dos estudos na área de masculinidade e cuidado

ARTIGOS		
Autor e Ano	Periódico	Objetivos/ Delineamento
Siqueira (1997)	Psicologia USP	Um estudo de caso de uma família de classe subalterna urbana e suas famílias de origem, este artigo pretende discutir os elementos que contribuem para a constituição da identidade de gênero, em especial a masculina. (qualitativo)
Ramos (2011)	<u>Sexualidad,</u> <u>Salud y</u> <u>Sociedad</u>	O objetivo é examinar a construção de uma imagem de si masculina entre estes leitores, que se valem de temas, problemas e técnicas de si que estão presentes na revista, mas, sobretudo, além dela, e que dizem respeito a um determinado estilo de masculinidade, em que a expressão de si através da exposição do corpo desempenha um papel primordial. (qualitativo)
Machin et al (2011)	Ciência Saúde Coletiva	O trabalho analisa as concepções de gênero e masculinidades de profissionais de saúde da Atenção Primária à Saúde em quatro estados do país (PE, RJ, RN, SP) a partir de duas perspectivas: os significados associados a ser homem e a relação masculinidade e cuidados em saúde. (qualitativo)
Figueiredo & Schraiber (2011)	Ciência Saúde Coletiva	Estudou-se a relação do exercício das masculinidades com o cuidado em saúde para homens na atenção primária, por meio de representações e significados de usuários e trabalhadores acerca do que vem ser homem. (qualitativo)
Bruschini, Ricoldi (2012)	Rev. Estudos Feministas	Este artigo apresenta, de forma resumida, os resultados de uma pesquisa sobre a participação masculina no trabalho doméstico, no cotidiano familiar e no cuidado com os filhos pequenos. (misto)
Machado, Seffner (2013)	História	De modo articulado ao campo das políticas de gênero, os artigos buscavam constranger as mulheres no espaço privado, reservando aos homens a esfera pública. A exaltação de atributos de prestígio da masculinidade produz, de modo simultâneo, a representação do que é indesejável nas atitudes de um

homem, notadamente nos espaços públicos. (qualitativo)

Siqueira <i>et al</i> (2014)	Escola Anna Nery	Descrever as representações sociais dos profissionais de saúde sobre homens e cuidado à saúde, a partir do conteúdo e da estrutura dessas representações. (qualitativo)
Coelho, Giacomini, Firmo (2016)	Saúde e Sociedade	A cultura condiciona as representações de velhice e de gênero com reflexos nas percepções sobre a saúde, a doença e o cuidado. A interface entre esses fenômenos é objeto deste estudo, fundamentado na perspectiva da antropologia médica, que pretende investigar como os homens idosos da comunidade expressam e percebem a relação entre saúde, doença, masculinidade e envelhecimento, e como esses construtos se relacionam com os subsistemas de cuidado informal e profissional. (qualitativo)
Reis (2017)	Rev. Latino Am. Enfermagem	Identificar, analisar e sintetizar os resultados de estudos qualitativos primários que abordaram a experiência do pai no cuidado ao filho hospitalizado. (qualitativo)
Burille <i>et al</i> (2018)	Saúde e Sociedade	O artigo discute subjetividades cotidianas que podem fragilizar ou (re) afirmar a masculinidade e, por conseguinte, afastar os homens rurais do cuidado para com a saúde. (qualitativo)
Saldanha <i>et al</i> (2018)	Caderno Saúde Pública	Foi realizado um estudo qualitativo baseado em entrevistas narrativas com homens metalúrgicos de um complexo automotivo no Estado da Bahia, Brasil. (qualitativo)

Após a leitura na íntegra dos artigos, organizamos a análise acerca dos objetivos dos estudos, aporte teórico, delineamento metodológico, instrumentos de pesquisa e resultados alcançados em duas grandes categorias de análise: 1) Construção da Masculinidade; 2) Masculinidade e Cuidado. Esta última foi composta ainda por duas subcategorias: 2.1) Masculinidade e Paternidade; e 2.2) Masculinidade e Cuidado doméstico.

Tabela 2 – Categorias de análise obtidas a partir dos eixos de discussões.

CATEGORIAS DE ANÁLISE	PRINCIPAIS RESULTADOS
1) Construção da masculinidade	A perspectiva de uma pluralidade de estilos de masculinidade não deve ser vista simplesmente como um conjunto de possibilidades equivalentes. Ao contrário, essa mesma literatura abordou, a partir de conceitos como masculinidade hegemônica, masculinidade subalterna e masculinidade desviante (Connel, R.W., 2003; Connel & Messerschmidt, 2005), as relações de poder envolvidas na atribuição e na autoatribuição da masculinidade, especialmente dos conteúdos homofóbicos e misóginos envolvidos na constituição de uma masculinidade heterossexual hegemônica. (RAMOS, 2011)
	Definir o que se compreende por masculinidade não é tarefa que goze de unanimidade. Nossos estudos se orientam no sentido de conhecer os modos de construção histórica e manutenção política e social das masculinidades. Optamos por falar sempre em masculinidades, no plural, de modo a evitar a construção de uma "ciência da masculinidade", empreendimento que implica pressupor a existência de algo sólido e singular - a "masculinidade" - e que termina por desconhecer as fortes conexões entre os regimes de poder e os regimes de conhecimento, conforme demonstrado em

Foucault (1977). (MACHADO, SEFFNER 2013)

A constituição da identidade masculina, bem como da feminina, é entendida, então, como um complexo processo dialético em que as biografias individuais entrecruzam-se com as pautas sociais historicamente construídas, onde o sujeito interativo imprime significações singulares às suas ações no mundo, ações essas inscritas em um cenário de alternâncias, confrontos e superações com os outros significativos que compõem o seu universo vivencial. Assim, masculinidades e feminilidades constituem-se em práticas múltiplas e mentalidades correlatas, oriundas de fontes diversas, assumindo um caráter dinâmico e polimorfo em contínua transformação (SIQUEIRA, 1997).

O homem e a questão do cuidado à saúde podem também configurar-se como fenômeno de representação social dentre esses profissionais, sendo este estudo pioneiro em demonstrar a relevância e a "espessura social" deste objeto, os quais servem de fundamento para a construção e solidez dessas representações. (SIQUEIRA *et al*, 2014.)

Se o cuidado é atrelado às representações de feminilidade, ser homem pode ser assumido, nessa perspectiva, como não ter que cuidar de ninguém - inclusive nem de si mesmo (Ribeiro; Gomes; Moreira, 2017) -, o que endossa a necessidade de discussão acerca dos estereótipos de gênero, para então vislumbrar possibilidades para além da culpabilização ou da vitimização dos homens (Medrado; Lyra; Azevedo, 2011) e que de fato estimulem a responsabilização destes para com a saúde. (BURILLE *et al*, 2018)

2) Masculinidade e Cuidado

As identidades sociais de homens e mulheres elaboradas nas relações sociais constroem não só modos de conceber o corpo, a saúde e a doença, mas, igualmente, produzem serviços de saúde baseados em modelos ideais de masculino e feminino que, ao mesmo tempo em que permitiram reconhecer necessidades específicas com relação à saúde das mulheres, normalizando-as na direção da reprodução biológica, dificultam visibilizar determinadas demandas relativas aos homens, por não serem identificadas com a lógica orientadora da assistência em saúde (MACHIN *et al* 2011)

A inclusão da perspectiva do homem no debate da saúde precisa transpor as questões relacionadas ao corpo masculino, como a saúde sexual, principalmente relacionada às doenças sexualmente transmissíveis, e a saúde reprodutiva. Afinal, os homens e suas necessidades de saúde são plurais, por isso é importante reconhecer como eles as expressam e como tais necessidades estão sendo absorvidas pelos sistemas de cuidado em saúde. Além disso, a perspectiva de gênero tem sido historicamente abordada a partir de bases feministas (Scott, 1989), limitando a discussão de planos de ação para o cuidado ao homem pouco além do estereótipo de que "o homem depende de uma figura feminina para se cuidar". (COELHO, GIACOMIN; FIRMO, 2016).

Para dar conta das suas responsabilidades, o homem precisa ser capaz. Parte dessa capacidade está situada em aspectos relacionados à estrutura corporal e é representada pela força física e por determinados atributos que o homem possui. Assim, a experiência corporal tem uma significação na interpretação cultural de gênero, assumindo um papel central para a construção das masculinidades. Nos relatos, denotam-se duas questões centrais permeando o

	processo de identificação masculina: (1) o determinismo biológico e (2) os significados dos atributos e características percebidas no corpo. (SALDANHA <i>et al.</i> 2018)
2.1) Masculinidade e Paternidade	A síntese foi apresentada por dois temas: 1) dilemas paternos - o que o homem sente e enfrenta durante a hospitalização do filho, destacando o envolvimento emocional e mudança na relação familiar e laboral, e 2) identidades paternas - masculinidades reajustadas diante do adoecimento do filho, que revela marcas identitárias e a paternidade reprimida, no ambiente hospitalar. Ambos os temas ilustram os desafios e o reajuste da identidade paterna. (Reis <i>et al.</i> , 2017)
2.2) Masculinidade e Cuidado doméstico	O feminismo e os estudos de gênero já vinham mostrando, desde muito antes, a necessidade de conquistar maior equilíbrio entre homens e mulheres, tanto na "esfera pública" quanto na "esfera privada", reivindicando que a maior participação das mulheres no mercado de trabalho e nas organizações políticas e sindicais deveria corresponder uma maior participação dos homens na vida privada, através de seu comprometimento não só com a vida sexual e reprodutiva do casal, mas também com a criação dos filhos e com a divisão das atividades domésticas. (Bruschini, Ricoldi 2012)

4.2 A discussão sobre construção da masculinidade

Problematizar o modo como os homens entendem o cuidado também é rediscutir as identidades masculinas e seu processo de construção. Quatro dos artigos analisados giram em torno da discussão da construção da identidade masculina. Segundo Arilha *et al* (1998, p.40):

As pesquisas recentes sobre os homens e masculinidade vêm de certo modo, seguindo os mesmos passos teóricos e metodológicos percorridos pelos estudos de gênero de enfoque feminista, em que a definição normativa de masculinidade é vista como dominante, mas não como a única versão.

Percebemos pelos títulos dos artigos essa preocupação com relação à pluralidade de compreensões acerca de masculinidade. O uso de palavras como “dilemas da masculinidade”, “identidade masculina”, “masculinidades subordinadas” ou, até mesmo, “construção da masculinidade” indica uma visitação constante dos pesquisadores acerca da categoria, o que exige uma discussão sobre a construção cultural do universo masculino.

Ao abordar as representações de masculinidade a partir da construção e representação de revistas direcionadas ao público masculino, Ramos (2011) traz como problematização a incorporação do conceito de estilo de vida para a análise da masculinidade. Ao passo que se unem os dois conceitos, há uma superação do entendimento da masculinidade como algo hegemônico. Mais do que construção dessa masculinidade, o meio exterior que envolve

cultura, estilos, práticas sociais, abre espaço para o entendimento da construção da subjetividade desses homens.

Nesse processo, é interessante perceber as referências teóricas abordadas na análise do autor, afinal, é ponto comum dentro do estudo de masculinidade, a pluralidade. Agora, cabe a nós entender o nível de complexidade que essa constatação acarreta. Para Ramos (2011, p.14) “a perspectiva de uma pluralidade de estilos de masculinidade não deve ser vista simplesmente como um conjunto de possibilidades equivalentes.”. Connell (2003) e Connel & Messerschmidt (2005) servem como pontos de partida dessa discussão. Ao mencionar a divisão proposta por estes autores, como masculinidade hegemônica, masculinidade subalterna e masculinidade desviante, encontramos a base da reflexão de Ramos (2011): ao discorrer sobre representatividade das revistas (objeto de análise do autor) e a influência das mesmas no modo de agir sobre si mesmos, no caso dos homens, fica patente o quanto emerge modelos, cujos os conteúdos abordados nas revistas não contemplam todas as realidades e modos de vida do público masculino. A masculinidade tradicional heteronormativa nem sempre responde a todas as realidades e, na construção subjetiva de cada homem, novos modelos são acionados para representá-los.

Na análise desse segmento de artigos, entendemos, a partir de Bento (2015, p.17), que “no Brasil ainda não há um campo científico legitimado sobre o estudo dos homens”, na verdade, “observa-se há um volume muito grande de informações de cunho jornalístico.”. Tal aspecto justifica inclusive o porquê de alguns estudos buscarem objetos de análise que envolvam exatamente esse material jornalístico. Dois dos artigos encontrados caminham nesse sentido: Ramos (2011) fundamenta sua discussão ao analisar o público de uma revista; e Machado e Seffner (2013) descrevem e analisam as estratégias de produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas manifestadas no noticiário da imprensa de Florianópolis entre os anos de 1889 a 1930.

Machado e Seffner (2013), também trabalham na perspectiva de masculinidade como construção social e plural, bem como na confirmação que por meio do contexto e de práticas sociais diversas. Para os autores, numa mesma sociedade há produção de masculinidades dominantes e subalternas. As questões de classe e raça são pontuadas ao longo do texto, no sentido de que, mais do que admitir as diferentes configurações de masculinidades, tal conclusão deve servir para “conhecer e denunciar as estratégias e os mecanismos, conscientes ou inconscientes, de imposição das desigualdades de gênero”. (MACHADO; SEFFNER, 2013, p.374).

Alinhando-se ao desenho teórico dos demais autores, Siqueira (1997) parte sua análise de um estudo de caso de uma família, na qual os “papéis” sociais estão investidos. De encontro aos demais artigos, o autor parte de uma realidade marcada por um modelo de masculinidade subalterno, no qual o homem não se apresenta como provedor financeiro do lar, mas sim como “dono-de-casa”, para discutir a construção da identidade masculina que perpassa por uma “fórmula” socialmente aceita de como deveria ser esse sujeito masculino. Tal análise explora o incomum, sinalizando o homem como figura principal do cuidado.

Em síntese, a análise dos textos reunidos nessa categoria reafirma aquilo que Connell e Messerschmidt (2013) referem quanto às tendências primárias dos estudos sobre masculinidade, ao afirmarem que o não enquadramento de grande parte dos homens no modelo hegemônico foi fundamental para o desenvolvimento das pesquisas.

4.3 Masculinidade e Cuidado

Com base nos trabalhos analisados nessa intersecção entre masculinidades e cuidado, percebemos que os estudos são recentes, pois as produções passaram a se intensificar a partir de 2011. Lembrando que é “ao longo da década de 80 que emerge, principalmente nos países anglo-saxões, um conjunto de estudos sobre a construção da masculinidade” (ARRILHA, 1998, p.18). O levantamento realizado apresentou as mais variadas questões a partir da relação masculinidade e cuidado. Observamos nos artigos que a temática da masculinidade não foi trabalhada de forma isolada, com os autores sempre nutrindo sua problematização com outros conceitos, quer seja do âmbito dos estudos sobre gênero, quer seja em diálogo com o campo da saúde.

O cuidado foi abordado, na maioria dos artigos, partindo da ideia de autocuidado. Nos 11 artigos analisados, o autocuidado foi abordado nas mais diferentes questões relacionadas à saúde do homem. É interessante perceber a produção desse tipo de discussão, pois vai de encontro à construção cultural, na qual a ideia do cuidado foi engendrada. Por tais representações, os homens, na maioria das vezes, não cuidam nem de si e nem do outro:

A percepção do homem como nem agente nem sujeito de cuidados é mais uma das consequências da cultura, cujas representações e normativas sobre o masculino afastam o homem de práticas consideradas femininas, bem como pouco valorizam ações públicas que se voltem ao cuidado desse homem.

Se compararmos os níveis de morbidade dos homens aos das mulheres, percebe-se que tal diferença é atravessada por fatores relacionados à resistência daqueles em buscar os

serviços de saúde. “O cuidar de si e a valorização do corpo no sentido da saúde não são questões colocadas na socialização dos homens” (SCHRAIBER, 2005, p. 8). Desse modo, os homens “testam” todas as alternativas de tratamento até chegar ao contato com ajuda profissional. Em um dos artigos encontrados, a pesquisa revelou que “eles acessam os serviços especializados de saúde com quadros de morbidade já instalados e, muitas vezes, cronificados, gerando sobrecargas nos custos vinculados à saúde “(Moreira *et al.*, 2014, p.616).

Siqueira *et al.* (2014, p. 695) afirmam que “muitos dos paradigmas sociais que envolvem a masculinidade, oriundos das diferenças de gênero, se perpetuam no ambiente social e podem gerar consequências graves às condições de saúde masculina”. O modelo machista hegemônico constrói a figura do homem como aquele que deve ser forte e viril. Por esta representação, não há espaço para que o homem coloque suas necessidades de saúde em primeiro plano.

Em suma, o material analisado indicou relevantes aspectos culturais que explicam desde o pouco envolvimento dos homens com o cuidado do outro e o próprio cuidado de si. Se no primeiro bloco de discussões, a pluralidade das masculinidades era pauta comum nos artigos, no segmento da discussão que envolve o cuidado, percebemos como ponto comum a presença de características da masculinidade hegemônica como fator cultural e simbólico que distancia o homem do cuidado.

Por fim, é possível referir que o tema cuidado masculino é pouco presente na literatura brasileira, e profícuo de novos investimentos em pesquisa, especialmente se voltarmos para o cuidado direcionado a pessoas adultas em situações de dependência realizadas por homens.

4.3.1 Masculinidade e cuidado: a análise das produções sobre paternidade

No universo de discussão encontrado nos artigos analisados, destacamos apenas um trabalho abordando a temática da paternidade e cuidado (REIS, *et al.*, 2017). Este reporta o cuidado realizado por pais aos filhos em situação de internação hospitalar. A masculinidade desses pais acaba moldada e reajustada pela situação de adoecimento e condição de saúde e fragilidade do filho. O conflito entre ser forte, provedor e o alicerce da família se esbarra nas subjetividades do pai ao ver o filho enfermo. A não adequação às novas tarefas podem, inclusive, “gerar sentimento de culpa, que afeta a sua produtividade” (REIS *et al.*, 2017, p.6)

Categoricamente, o olhar para paternidade que indica uma masculinidade que se aproxima do que socialmente é comum ao universo feminino, pode ser pensado a partir do

entendimento de masculinidades subordinadas. Entretanto, os estudos sobre paternidade que demonstram a ativa participação dos pais junto às mães configuram o que os autores definem por masculinidade de cumplicidade, “que coloca os homens em uma identidade cúmplice de vários comportamentos culturalmente associados ao gênero feminino” (REIS *et al.*, 2017, p. 8)

Connell (2015) foi um dos pioneiros a discutir as feminilidades e masculinidades. Neste caso, entendemos a importância da cultura no processo de subjetivação por trás dos modos de agir dos diferentes sujeitos. No contexto global, “um debate sobre o ‘papel sexual masculino’ e como os homens poderiam romper com ele, ou ao menos flexioná-lo, começou nos Estados Unidos e respingou em diversos outros países” (PLECK; SAWYER 1974, apud CONNELL; PEARSE, 2015. p.136).

No campo da paternidade, as mudanças passam a ser aceitáveis e percebidas, “embora tenha sido bem sustentado que os homens podem ‘maternar’, este ainda é o caso de muito poucos na sociedade ocidental contemporânea (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 208)”. Para os autores, nessa discussão, inclusive, é de suma importância o recorte de classe, quando pensamos em quais homens que são mais capazes de compartilhar tarefas com as mulheres: pesquisas apontam que são os sujeitos de camadas médias metropolitanas, os mais capazes de estabelecer relações igualitárias.

4.3.2 Masculinidade e cuidado doméstico

Como apreciação, damos continuidade à discussão, apresentando a especificidade com a qual foi discutido o cuidado provido por homens na pesquisa: “Reverso estereótipos: o papel dos homens no trabalho doméstico”, de Bruschini e Arlene (2012). Neste caso, o cuidado é, então, direcionado para os arranjos feitos no espaço doméstico entre homens e mulheres, especialmente no que tange aos afazeres domésticos, que incluem o cuidado dos filhos pequenos, mas não somente isso. É interessante perceber no estudo como as autoras dialogam com os conceitos teóricos que norteiam as políticas ao discorrerem sobre a não adesão do Brasil ao projeto inclusivo de gênero nas questões de trabalho, e aos sentidos do cuidado quando extrapolam a responsabilidade com crianças e incluem outros membros das famílias. Assim como o cuidado deve ser deslocado da caricatura feminina, o cuidado masculino deve ser distanciando apenas da responsabilidade com os filhos pequenos.

Por outro lado, chamam atenção que a ideia da participação masculina nas ações de cuidado não pode ser reduzida à questão de ajuda, mas como responsabilidade a ser

compartilhada. Mesmo os homens se mostrando mais participativos, entendemos que é ainda um desafio, tanto a ser incorporados por esses homens, como pelas políticas públicas que pensam a partir do universo do cuidado.

As pesquisas indicam que “a distribuição das atividades domésticas entre mulheres e homens apresentou pouca alteração nas primeiras duas décadas do século 21” (TEIXEIRA; FARIA 2018, p.11) Entretanto, entendemos que a mudança já está em curso e envolve raízes fortes que tendem a ser mantidas por um capitalismo que é ainda patriarcal (PATEMAN, 1993) e que reproduz um modelo de acumulação do capital, mesmo com mudanças, ainda baseado na divisão sociosexual do trabalho, que afasta os homens do universo doméstico e que coloca as mulheres entre a responsabilidade moral do lar e necessidade real de produzir bens no âmbito público. Bruschini e Ricoldi (2012) apontam, entre dificuldades, principalmente para os homens, a conciliação do trabalho e as responsabilidades no meio familiar, em especial, as questões de cuidado.

A discussão acerca do cuidado doméstico, mesmo limitada a um artigo, apresenta uma gama complexa a ser explorada. A compreensão do cuidado nesse viés envolve visitas teóricas constantes a todo o processo que originou a divisão sexual do trabalho e os seus desdobramentos que podem ser vistos nos espaços públicos e, principalmente, na revisão de literatura aqui proposta, no espaço privado doméstico, por meio da apreensão do cuidado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo realizar uma revisão sistemática a respeito das produções científicas no campo da masculinidade, em especial investigando dentro dessa discussão as formas como a temática do cuidado estão sendo debatida. O número reduzido de trabalhos demonstra o quão recente é a produção sobre masculinidade, especialmente na perspectiva que vincula a discussão sobre o cuidado.

Uma das limitações desse artigo foi não conseguir problematizar de forma mais específica o cuidado doméstico realizado por homens cuidadores a pessoas adultas dependentes. Fato que indica um campo novo para análise dos marcadores de gênero no desempenho dessa função.

A produção na qual subsidiamos nossa discussão, demonstra um processo de ressignificação da masculinidade, uma visita constante às raízes patriarcais de organização societária responsável por criar repertórios generificados dos lugares sociais “adequados” para homens e mulheres. Já as discussões levantadas são diversas e demonstram em todos os eixos

analisados a importância da construção cultural e social, na qual estão inseridas as noções de masculinidade e feminilidade.

Organizamos o material analisado em quatro eixos, sendo que, em todos, a questão do patriarcalismo esteve atravessada na condução do cuidado, tanto na perspectiva do autocuidado, como no processo de cuidar do outro.

Com relação aos eixos de análise, no primeiro, atêm-se um pouco sobre questões fundamentais de gênero que delimitam o espaço em que foi construído o ideal de masculinidade. Em todos os artigos, é possível perceber a importância do movimento feminista, processo que resulta no amadurecimento conceitual de gênero e conseqüentemente do entendimento da masculinidade. Nesse sentido, as discussões são unânimes em dissertar sobre a pluralidade da masculinidade e desconstrução social do conceito de masculinidade hegemônica, o que vai de encontro ao atual processo de redefinições conceituais que são ancoradas por uma ideia performática de gênero. Para discussão do cuidado, essas produções contribuem no sentido que superamos o conceito de masculinidade, no singular, e entendemos que os sentidos do cuidado podem ser vivenciados a partir dos diferentes lugares sociais em que essas masculinidades têm sido construídas.

Na segunda vertente, as pautas debatidas giraram em torno da relação do homem com o cuidado, desde o autocuidado até mesmo o cuidado com o outro. Nesse sentido, analisamos uma discussão que é pensada a partir da socialização primária dos meninos e suas relações com o cuidado. De fato, há uma tendência tradicional e fortemente influenciada pelo modelo patriarcal, no qual os meninos são distanciados, desde muito cedo, da função do cuidado. Os artigos analisados evidenciam esse aspecto, quando mencionam o lugar do homem nos serviços de saúde. As pesquisas apontam e descrevem como o processo de autocuidado é vivido pelos mesmos: intervenções curativas sobressaem às preventivas. Correlacionando esse eixo com a discussão aqui proposta, entendemos o processo cultural no qual homens e mulheres são inseridos, o distanciamento dos homens com o cuidado de si, é um indicativo importante quando percebemos a ausência dos mesmos no debate sobre o cuidar do outro.

Por fim, os eixos três e quatro podem facilmente ser relacionados. A revisão sistemática apontou apenas uma pesquisa que discute de forma específica sobre paternidade, campo fértil dentro das discussões sobre masculinidade. O descritor “cuidado” afunilou muito a discussão, por isso os números aqui apresentados. Porém, o estudo da paternidade demonstra na prática o resultado da tentativa de superar o modelo hegemônico de masculinidade; há nessa produção teórica o debate sobre as identidades paternas e o lugar

como pai. É nesse ponto que correlaciono com o quarto eixo de análise: a discussão do cuidado doméstico. Os homens são chamados a atuar de diferentes formas no espaço doméstico; a paternidade, agora explorada de forma mais ampla, indica que a responsabilidade dos homens vai além do cuidado pontual com os filhos, mas envolve tarefas domésticas mais amplas.

Para Flávia Biroli (2018, p.53-54) “o cuidado pode ser significado e organizado de formas profundas” mesmo “longe de ser um tema com alguma centralidade nos estudos teóricos sobre democracia”, entendemos, aqui, a categoria como pano de fundo para a problematização das questões de equidade de gênero. Teorizar a masculinidade aliada ao movimento feminista diz respeito afirmar a importância do movimento no desdobramento teórico, capaz de ser feito no momento que entendemos o potencial da perspectiva relacional do gênero. Há, ainda, nesse processo, cautelas necessárias, como por exemplo, afirmar que os homens também estão sendo silenciados na discussão do provimento de cuidado, não pretende deslegitimar as desigualdades e imposições culturais frente às mulheres, especialmente às mães. Entretanto, acreditamos que os sentidos do cuidado precisam ser percebidos de diferentes ângulos, e, se nesse sentido, a literatura deixa lacunas com relação aos homens cuidadores, aproveitamos o potencial político da discussão e aguçamos os nossos ouvidos em busca da problematização da construção de uma ética do cuidado.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, E. M. L. **Gênero e Saúde**: perfil e tendências à produção científica no Brasil. Rev. Saúde pública, São Paulo, v; 40 n. esp., p.121-32, 2006.
- ARILHA, Margaret; RIDENTI, Sandra G. Unbehau; MEDRADO, Benedito (Orgs.). **Homens e masculinidades**: outras palavras. São Paulo: ECOS, ed. 34, 1998.
- AYRES, J. R. C. M. Cuidado e reconstrução das práticas de Saúde. In: _____. (Org.). **Cuidado**: trabalho e interação nas práticas de saúde. Rio de Janeiro: Cepesc; UERJ/IMS; Abrasco, P.41-73, 2009.
- BENTO, B. **Homem não tece a dor**: queixas e perplexidades masculinas / Berenice Bento. – 2. Ed. – Natal, RN: EDUFRN, 2015.
- BIROLI, F. **Gênero e desigualdades**: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BURILLE, A. *et al.* **Subjetividades de homens rurais com problemas cardiovasculares**: cuidado, ameaças e afirmações da masculinidade. Saúde Soc. São Paulo, v.27, n.2, p.435-447,

2018. Disponível em:< <https://www.scielo.org/pdf/sausoc/2018.v27n2/435-447/pt>>. Acesso em: 10 Jul. 2018.

BUTLER, Judith. Mulheres como sujeito do feminismo. In: **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRASIL G. **prático do Cuidador.** Brasília: Ministério da Saúde, 2008. Disponível em:< http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_pratico_cuidador.pdf>. Acesso em: 26 Mai.18.

BRUSCHINI, M. C. A; RICOLDI, A. M. **Revedo estereótipos: o papel dos homens no trabalho doméstico.** Estudos Feministas, Florianópolis, 20(1): 259-287 janeiro-abril/2012. Disponível em:< <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000100014/21861>>. Acesso em: 07 Ago.17

CAMÕES, L. V. **Os Lusíadas.** 4ª. ed. Porto: Editorial Domingos Barreira, s.d. p. 332

CONNEL, R.W. **Masculinidades.** México: PUEG-UNAM, 2003

_____. **Gênero em termos reais.** São Paulo: nVersos, 2016.

CONNELL, R. W; MESSERSHMIAT, J. W. **Masculinidade hegemônica:** repensando o conceito. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 241-282, janeiro-abril/2013. Disponível em <http://www.redalyc.org/html/381/38126283020/index.html>. Acesso em: 20 Out. 18.

CONNELL, R; PEARSE, R. **Gênero:** uma perspectiva global. São Paulo: nVersos, 2015.

CORTEZ *et al.* **Racionalidade e sofrimento: homens e práticas de autocuidado em saúde.** Psicologia, saúde & doenças, 2017, 18(2). Disponível em:< <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psd/v18n2/v18n2a22.pdf>>. Acesso em: 20 Out.18, 2017.

ELOIA *et al.* **Sobrecarga do cuidador familiar de pessoas com transtorno mental:** uma revisão integrativa Rio de Janeiro, v. 38, n. 103, p. 996-1007, OUT-DEZ 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v38n103/0103-1104-sdeb-38-103-0996.pdf>. Acesso em: 20 Out. 18. 2014.

FRASER, N; HONNETH, A. **Redistribution or recognition ?** A political philosophical Exchange, 2003.

GARCIA, S. M. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: ARRILHA, Margaret; RIDENTI, Sandra G. Unbehaum; MEDRADO, Benedito (Orgs.). **Homens e masculinidades:** outras palavras. São Paulo: ECOS, ed. 34, 1998.

GILLIGAN, C. **Teoria psicológica e desenvolvimento da mulher.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

HIRATA, H; KERGOAT, D. A divisão sexual do trabalho revisitada. In: MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena. (Orgs.). **As novas fronteiras da desigualdade:** homens e mulheres no mercado de trabalho, 2008.

HIRATA, H. **Novas configurações da Divisão Sexual do Trabalho**. 2 ed. Revista tecnologia e sociedade, Curitiba, 2010.

KIMMEL, M. S.; HEARN, J; CONNEL, R. (Eds). **Handbook of Studies on Men and Masculinities**, Thousand Oaks: Sage Publications, 2005.

LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: Hollanda, H. B. **Tendências e Impasses: O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 206-242, 1984.

MACHADO, V; SEFFNER, F. **Florianópolis 1889/1930: estratégias de produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subordinadas**. Rev. História (São Paulo) v.32, n.1, p. 354-376, jan/jun. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/his/v32n1/19.pdf>>. Acesso em 20. Jun. 18. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742013000100019>.

MACHIN, R *et al.* **Concepções de gênero, masculinidade e cuidados em saúde: estudo com profissionais de saúde da atenção primária**. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2011, vol.16, n.11, pp.4503-4512. ISSN 1413-8123. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232011001200023>.

MEDRADO, B. **O masculino na mídia: repertórios sobre masculinidade na propaganda televisiva brasileira**. São Paulo, 1997. Dissert. (mestr). PUC. MOLINIER, Pascale; PAPERMAN, Patrícia. Descompartmentar a noção de cuidado? **Revista brasileira de Ciência Política**, n.18, Brasília, Set-dez, p.43-57, 2015.

MOREIRA *et al.* **Dificuldades de inserção do homem na atenção básica a saúde: a fala dos enfermeiros** Esc Anna Nery 2014;18(4):615-621 Escola Anna Nery Revista de Enfermagem 18(4) Out-Dez 2014. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ean/v18n4/1414-8145-ean-18-04-0615.pdf> >. Acesso em: 20 Out.18.

PASSOS, R. G. **Trabalho, Gênero e Saúde mental: Contribuições para a profissionalização do cuidado feminino**. São Paulo: Cortez, 2018.

PATEMAN, C. **O contrato sexual**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

POTTER, J; WETHERELL, M.; GILL, R; EDWARDS, D. **Discourse: noun, verb or social practice?** Philosophical Psychology, v.3, n2, 1990.

TRONTO, J. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso? In: JAGGAR, Alison, M.; BORDO, Susan R. (Orgs.). **Gênero, Corpo, conhecimento**. Tradução Rosa dos tempos. Rio de Janeiro: Record, Coleção Gênero I. 1997.

RAMOS, J. S. **Dilemas da masculinidade em comunidades de leitores da revista Men's Health**. Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana ISSN 1984-6487/ n.7 - abr. 2011 - pp.9-43 . Disponível em:< www.sexualidadsaludysociedad.org>. Acesso em: 19 Jun.18.

REIS, S. M. G. *et al.* Metassíntese sobre o homem como pai e cuidador de um filho hospitalizado. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. 2017; 25: e2922. Disponível:< <http://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/140871/135951>> em: Acesso em: 20. Jun.18. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.1850.2922>.

SALDANHA, J. H. S *et al.* **Construção e desconstrução das identidades masculinas entre trabalhadores metalúrgicos acometidos de LER/DORT.** Cad. Saúde Pública 2018; 34(5): e00208216. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2018000505003>. Acesso em: 19 Out. 18. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00208216>.

SIQUEIRA, M. J. T. **A constituição da identidade masculina:** alguns pontos para discussão. Psicologia USP, São Paulo, v.8, n.1, p.113-130, 1997. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641997000100007 http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641997000100007>. Acesso em: 10 Jun.18. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65641997000100007>.

SIQUEIRA, B. P. J *et al.* **Homens e cuidado à saúde nas representações sociais de profissionais de saúde.** Esc. Anna Nery [online]. 2014, vol.18, n.4, pp.690-696. ISSN 1414-8145. <http://dx.doi.org/10.5935/1414-8145.20140098>.

SCHRAIBER, L. B. Equidade de gênero e saúde: o cotidiano das práticas do Programa de Saúde da Família do Recife. In: VILLELA, W.; MONTEIRO, S. (Orgs.). **Gênero e saúde: Programa Saúde da Família em questão.** Rio de Janeiro: Abrasco, P.30-61, 2005.

SCHUPN, M. R. **Masculinidades.** São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz: 2004

SCOTT, J. W. “**Gênero:** uma categoria útil de análise histórica”. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. pp. 71-99. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva a partir do original inglês, 1995.

TEIXEIRA, M. O; FARIA N. **Empoderamento econômico das mulheres no Brasil:** pela valorização do trabalho doméstico e do cuidado. São Paulo: Oxfam Brasil, 2018. Disponível em: https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/publicacoes/trabalhos_domesticos_cuidados_-_diagramado_final_2.pdf. Acesso em: 24 Out. 18. Edunisc, 2004.

WALDOW, V. R. Atualização do cuidar. **Revista Aquichan**, Colombia, ano 8, v.8, n.1 p. 85-96, abr. 2008.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

SILVA, N. D. B; MACEDO, J. P. S. Novas Vozes no Cuidado: Uma Revisão Sistemática Sobre a Produção Científica. **Rev. FSA**, Teresina, v.16, n.2, art. 17, p. 318-339, mar/abr. 2019.

Contribuição dos Autores	N. D. B. Silva	J. P. S. Macedo
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X